

Governo ainda rejeita freio

BEATRIZ ABREU

BRASÍLIA — O Ministério da Fazenda ainda não tem um quadro definitivo, mas as informações disponíveis até agora reforçam o entendimento de que não é preciso uma intervenção no mercado para frear o crescimento econômico.

As vendas estão aquecidas se comparadas com o baixo desempenho do comércio em janeiro do ano passado. Um novo aumento no nível de inadimplência, contudo, é fator preponderante para desaconselhar qualquer medida de contenção de consumo neste momento.

Este é o cenário de curto prazo com que trabalham os economistas do Ministério da Fazenda e será um dos pontos de destaque da divulgação do Boletim de Conjuntura Econômica, da secretaria de Política Econômica, esta semana.

Duas perguntas estão presentes nas discussões sobre a conjuntura econômica. Afinal, a economia está aquecida ou não? E se estiver, em que medida afeta o déficit fiscal do País e o déficit em contas correntes (o saldo apurado após todos os pagamentos ao Exterior), que o ministro da Fazenda, Pedro Malan, estima ficará acima dos 3% do Produ-

to Interno Bruto (PIB) este ano.

Uma avaliação genérica do comportamento da economia em janeiro indica que está havendo uma retomada do crescimento, mas não em níveis preocupantes, na medida em que está claro que o aumento das vendas está concentrado em setores como de automóveis e bens de consumo duráveis.

Existe, no entanto, uma informação que preocupa: o aumento da oferta de crédito em janeiro não foi seguido de um aumento do spread bancário (taxas de risco) cobrado pelas instituições financeiras na concessão de empréstimos.